

Dracunculus

H. almas de

Conde de Barbacena







X

1  
MI





Lith. de Maurin. Lx.





Lith de Martin, J. & C.



11

3  
ml



u 33

# ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA PELO BENEFICIADO

FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO

NA EGREJA DE S. VICENTE DE FÓRA EM LISBOA.

POR OCCASIÃO DAS EXEQUIAS QUE OS LEGITIMISTAS PORTUGUEZES  
CELEBRARAM NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1854.

PELO ETERNO DESCANÇO DA ALMA.

DO

ILL.<sup>mo</sup> E EX.<sup>mo</sup> SR. FRANCISCO FURTADO DE CASTRO DO RIO DE  
MENDONÇA E FARO, 7.<sup>o</sup> VIZCONDE E 2.<sup>o</sup> CONDE DE  
BARBACENA, DE SAUDOSA MEMORIA.



LISBOA: 1854.

TIPOGRAPHIA DE A. HENRIQUES DE PONTES,  
Campo de Sanct'Anna n.º 31.



# ORAÇÃO FUNERAR

RECITADA PELO BENEFICIÁRIO

EXARÇABISPO MARQUÊS DA SALVEIRA MACHADO

Na Igreja de S. Vicente de Fora em Lisboa

D. MATEUS DE MACHADO

Por ocasião das exéquias de S. Ex.ª Sr. D. João de Deus, Bispo de Beja, no dia 15 de Agosto de 1884

PELO SENHOR BENEFICIÁRIO DA ALMA

III.ª E EX.ª SR. D. JOÃO DE DEUS, Bispo de Beja, no dia 15 de Agosto de 1884



Lisboa: 1884  
Impressão de S. Ex.ª Sr. D. João de Deus, Bispo de Beja



AO SENHOR

**D. MIGUEL DE BRAGANÇA,**

O.

respeitosamente

Os Editores.



Vereis amor da patria não movido  
De premio vil; mas alto e quasi eterno:

.....  
Ouvi; vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno:  
E julgareis qual é mais excellente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

CAMÕES. — *Lusiadas*.



## INTRODUÇÃO.

Pelas veredas da razão dirige  
O dom maior que a natureza outhorga  
Do humano aspecto a despota eloquencia.  
J. A. DE MACEDO.

**N**a immensa perda e na intranhavel magua que todo o Portugal sentiu, e mais particularmente o partido legitimista, com o fallecimento do Conde de Barbacena, era natural que ao animo de muitos acudisse a idéa de uma publica manifestação de saudosa homenagem ás virtudes do illustre finado.

A religião do amor da patria tambem tem o seu culto externo; este não pode deixar de abranger e consagrar a memoria daquelles, que ardentemente o professavam na vida. Assim como a patria os propõe para exemplo, deve nos testemunhos de sua agradecida lembrança prepor incentivos e premios aos corações generosos.

Nasceu, pois, daqui o proposito de umas exequias em tributo ao Conde de Barbaceua, preferindo-se o character solemne e religioso desta demonstração, porque era alliar, em um só acto, a lembrança da constante piedade do fallecido, e os principios christãos que fazem o timbre do corpo politico, a que pertencera, e que o ia prantejar em volta da sua urna funeraria.

Mas as exequias do Conde de Barbacena requeriam necessariamente uma oração funebre, que recordasse a vida de tão grande varão; e o empenho era difficil, porque importava encontrar um orador digno do assumpto, e que ao mesmo tempo soubesse delicadamente attender á especialidade das circumstancias.

A vida do Conde tinha muitos e formosos capitulos de vida publica e de vida privada; altos feitos como funcionario, e estremadas virtudes como cidadão.

Para apreciar e expor em resumido compendio essa vida, carecia-se de uma intelligencia elevada que a comprehendesse, de um gosto apurado que a epilogasse, de uma indole suave e virtuosa que bem lhe podesse extrahir o perfume de tantas flores, e de uma voz eloquente que, como pincel inspirado, em cada traço desenhasse uma feição.



Não devia faltar nenhuma ao grande retracto; e se só para isso, n'um breve discurso, já eram precisos muitos dotes ao orador, muitos mais carecia de ter, desde que na vida do Conde cumpria não esquecer aquelles capitulos que se encheram entre o estrepito das armas n'uma guerra civil, e aquelles que a sua resignação energica deixou escriptos em vinte annos de solemne protesto, como sustentador de um grande principio.

A physionomia do Conde ficava mutilada e incompleta, se essas linhas magestosas della se não percebessem; e o desenho de taes linhas era quasi impossivel sem se cahir na inconveniencia de recordar feridas entre irmãos com prejuizo da conciliação da familia portugueza.

As doutrinas e praticas do partido politico que celebrava as exequias, as praticas e doutrinas daquelle por quem as celebrava, o character sacerdotal do orador, o logar sancto em que se devia proferir o discurso, tudo exigia que o elogio do Conde fosse tal, que nem os ouvidos mais exigentes e melindrosos podessem nelle encontrar nenhum echo de paixões odientas.

Era necessario reunira fidelidade da pintura com a escrupulosa cortezia das côres; era necessario ser verdadeiro, sem pender nunca nem levemente para apaixonado.

Todos sabem como são graves estas difficuldades em taes assumptos; todos havemos ahi visto como tantos engenhos superiores teem por vezes tropeçado nellas; mas todos poderão tambem ver agora, como na Oração funebre do Conde de Barbacena soube vencel-as o sr. Malhão.

Esta Oração, que hoje temos a fortuna de offerecer á estampa, para que chegue assim á noticia de milhares de portuguezes anciosos que não poderam ouvil-a, e ao conhecimento do futuro que a ha-de ler com interesse e admiração, esta Oração funebre é, sem duvida, um dos mais notaveis monumentos da eloquencia do pulpito, entre nós.

A pureza da linguagem, o rigor logico, a formosura do estylo, a riqueza e felicidade das imagens, o tacto fino de sua invenção e disposição, e mais que tudo a delicada arte com que estão dados neste quadro certos toques que, para assim nos exprimirmos, poem o vulto do Conde em relevo sem se poder descobrir a passagem do pincel, são qualidades que fazem deste discurso, um dos poucos que permanecem eloquentes na leitura do gabinete, e na ausencia do eximio orador que os proferiu.

Quem não viu nem ouviu o sr. Malhão, não pode, por certo, julgar do magico effeito produzido pela elevação de sua figura, pela magestade da sua bella fronte, pelo som harmonioso da sua voz, pela propriedade do seu accionado, e pelos recursos que elle sabe habilmente tirar e variar de todos estes dotes de orador.

Mas, apesar disso, lendo o seu discurso, lendo a Oração funebre do Conde de Barbacena, todo leitor intelligente se ha-de sentir penetrado da eloquencia e arte derramada nessas poucas paginas.

A vida do discurso, se assim nos podemos exprimir, essa só lh'a pode dar o orador quando recita; mas se a obra é acabada, a oração toma logar na litteratura ainda depois de recitada.

Cicero, que nenhum de nós viu nem ouviu, ainda hoje tem o dom de nos interessar, ainda hoje nos arrebatá na simples leitura dos seus discursos, que serão estudados com proveito.



Consideramos, pois, a Oração funebre do Conde de Barbacena, como essas obras de oratoria, que ficam pertencendo á litteratura e ao estudo. E' um exemplo para se seguir, é um modelo para se imitar.

Veja-se como o sr. Malhão soube levantar a estatua do Conde, sem lhe inchar os membros para que ficassem maiores, sem lhe afeminar o rosto para lhe fingir maior belleza.

Mostrou-o bello e grande com linhas rapidas, severas, e fieis.

No elogio de um homem vulgar é mister aproveitar tudo, asso-  
prar e engrandecer as mais pequenas acções, não esquecer ne-  
nhuma, para que o conjuncto, e o esforço da arte, possa figurar  
gigante o que não passou de anão. No elogio de homens, como  
o Conde de Barbacena, o sr. Malhão comprehendu, e comprehen-  
deu bem, que não era assim.

A vida de taes homens é muito conhecida, todos os ouvintes a  
sabem, e não é no pulpito que se tracta de lhes fazer uma biogra-  
phia minuciosa. Seria diminuir-lhes a estatura.

Traços largos, boa escolha, e fazer logo surgir em pé a grande  
figura que se expõe á admiração publica, é isso o que convém, e  
é isso tambem o que só mão de mestre sabe alcançar sem perigo.

O sr. Malhão conseguiu-o.

Não andou com o cinzel cavando feições, para que avultassem ;  
tocou-as, e deixou que de si se mostrassem proeminentes, porque  
de si o eram.

Rigoroso no profil, não esqueceu nada do que animava aquell'a  
physionomia illustre : mas onde uma reticencia dizia tudo, onde  
bastava indicar que se calava, para assim traçar logo na imagina-  
ção de seus ouvintes esplendidas paginas da vida do Conde, não  
se demorou a revelar o que já estava adivinhado, e o que mui-  
tas ponderações aconselhavam que ficasse por dizer.

O sr. Malhão apresentou o Conde de Barbacena tão grande como  
elle era, e para isso preferiu em tudo a simplicidade e singelleza,  
que é moldura que mais convém aos retractos dos grandes homens.

Se o Conde de Barbacena foi um varão igual ao seu nome e  
digno da sua patria; o sr. Malhão, fazendo o elogio do Conde, foi  
um orador igual ao assumpto, e digno da reputação que tem ad-  
quirido.

O pulpito portuguez pode gloriar-se, de que ainda o seu explen-  
dor não morreu todo. Ainda houve o sr. Malhão, que na lingua de  
Vieira soube recordar as pompas do nosso pulpito, em honra da  
Religião, da virtude, e da patria.



*Justum deduxit Dominus per vias rectas.*

SAP. 10. 10.

« SÓ DEUS É GRANDE!...

(*Eminentissimo e Reverendissimo Senhor.*)

« **S**ó Deus é grande! — Foi assim que um grande orador francez principiou a oração funebre de um grande monarcha d'aquelle paiz. — « Depois de Deus, só é grande a virtude. » — E' assim que eu, o mais humilde prégador da nossa terra, começo o elogio, tambem funebre, de uma distincta gloria della.

Grandezas ha que, não obstante fazerem o timbre de uma familia, o orgulho de um povo, e até a admiração do mundo, não passam muitas vezes, por falta de solido fundamento, de estalvas de uma belleza apparente, firmadas, como a do rei de Babylonia, sobre pés de barro — Que importa que por algum tempo deslumbrem os olhos, fascinem os espiritos, e recebam a indevida homenagem do respeito? Lá tem na base a razão da sua ruina. — Se por ventura se conservam de pé, em quanto dura a illusão que as levantou, baqueam, logo que a analyse do bom senso pode vir examinal-as de perto, e descobrir a fraqueza dos seus alicerces.

Eis-aqui a historia dos homens de todos os seculos, que usurpam um lugar que não lhes pertence, na jerarchia do sangue, do poder, ou do talento. — Eis-aqui o destino de todas as grandezas, que devem a existencia, não ao merito e á virtude, mas ás lisonjas do genio prostituido, ás inspirações da poesia degradada, aos enredos da intriga, a tudo quanto pode ser posto em acção pelo peor dos dois homens que ha em cada homem.

Só ha um meio de edificar solidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude. — Só ella é grande depois de Deus, e só as obras em que ella mette a mão, são obras immortaes. — A morte passapor ellas desarmada, o tempo inclina-lhes reverente a fronte encanecida pelo gelo dos seculos, e a posteridade recebe-as como unica herança que lhe pertence, por que só acceita o que escapa á lima do tempo e á foice da morte.

Foi assim que edificou esse honrado portuguez, a quem venho pagar um tributo de saudade, ao pé da urna funeraria, levantada no templo de Deus, em nome dos amigos das glorias patrias, da aristocracia util e virtuosa, dos caracteres nobres e firmes, de tudo quanto constitue o bello typo portuguez. — O nome do illustre finado está escripto no coração de todos os homens de bem, vive em tradições gloriosas, será uma pagina esplendida na historia, attrahiu-nos a todos aqui, a vós de perto, e a mim de longe. — Ouvi-o da minha bôcca uma vez, que eu pouparei para o futuro a vossa e a minha sensibilidade — O portuguez de quem venho tecer o elogio funebre, é o Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 7.<sup>o</sup> vizconde, e 2.<sup>o</sup> conde de Barbacena.



O ecco da dôr que tantos corações cobriu de lucto, quando elle se finou, tambem resoou dentro dos velhos muros da minha patria. — Quando vi n'um desses mensageiros do bem e do mal, das alegrias e das dôres, os crepes que elles trajam quando annunciam a morte, e li o nome do finado Conde: — « Faça-se a vontade de Deus! » disse comigo. » Lá se rasgou mais uma folha do livro da antiga aristocracia, e lá se foram com ella muitos exemplos vivos de virtude! » — Mal me podia então lembrar, que havia de vir aqui dizer a uma assembléa tão distincta, tão espirituosa e respeitavel, e na presença do illustre Prelado da Diocese, o que lá dizia a sós comigo e com a minha dôr.

Se a palavra lançada deste lugar de tanta responsabilidade, e sahida da bôcca do ministro de uma religião de fraternidade e de paz, já encanecido, e que não troca, neste lugar, os interesses da eternidade pelos do tempo, merece ser acreditada, crede-me. — Não venho aqui ser orgão de paixões, misturar a intriga com a dôr, lisonjear os ouvidos de uns á custa das crenças dos outros, offender um Deus de paz e uma religião de amor, escarnecer aquelle tumulto, vilipendiar o ministerio sagrado, e tornar-me um digno objecto de desprezo. — O meu quadro é simples, innocente, e inoffensivo; é o quadro das virtudes do illustre Conde traçado sem favor nem descortezia, é o quadro desse homem de bem, a quem Deus conduziu em toda a sua vida por caminhos rectos. *Iustum &c.*

O quadro é importante, como vedes — O genio que o traça, o pincel que o colore, a mão que o sustenta, é que não estão em harmonia com elle. — Conheço-o; mas que havia de fazer eu, convidado pela amizade para vir honrar a virtude? — Virtude! Amizade!.... São os meus numes terrenos. Curvei-me, respeitei-os, e no fervor da minha homenagem, esqueci-me da minha insufficiencia — Que resta agora? Não me esquecer de Deus, pedir-lhe perdão e soccorro — Confio, que me socorra, e perdoe — Se vós me perdoais tambem, e me animais com a vossa benevolencia; então só me falta uma coisa: attenção. — Desconfiado de mim, peço-a em nome do objecto da nossa commum saudade; e certo de a obter desta sorte, e contando com a vossa polidez, condescendencia, generosidade e character religioso, — principio.

**A** virtude!.... Eis-aqui o principal, o mais precioso ornamento do homem. — O homem virtuoso!... Eis-aqui o homem que todos desejam para exercer o poder, para subir ao altar, para vestir a toga, para cingir a espada, para dirigir todos os seus negocios individuaes, domesticos e sociaes. — Formai idealmente o quadro de um homem digno de respeito, de imitação e das trombetas da fama: ponde-lhe na cabeça um espirito vasto; nos olhos a expressão do genio; na bocca rios de eloquencia; no peito a firmeza; nas mãos e nos pés a energia de acção. — Tendes acabado? Se não lhe pondeis a virtude no coração, e o podeis animar, eu não sei, se me approxime d'elle com confiança, se fuja com temor. — Espirito vasto, genio, eloquencia, firmeza, energia de acção encontram.



se em muitos individuos, que mais parecem monstros do que homens. — A virtude!... Eis-aqui o principio regulador destes dotes brilhantes, que podem produzir grandes bens e grandes males. — E' ella que lhes amansa a indole muitas vezes bravia, que os civiliza, que os perfuma, que lhes dá boa direcção, que os faz marchar por caminhos rectos.

Proclamando a virtude o principal, o mais precioso ornamento do homem, não entendo que para o constituir homem virtuoso, baste apenas um ou outro acto de virtude. — « Um homem de sangue (para me servir das expressões do abbade Orsini) pode dizer um dia, como Nero, ao assignar uma sentença de morte: *Prouvera aos deuses que eu não soubesse escrever!* — Um Sybarita pode jantar, outro dia, quatro figos e um bocado de pão. » — Estes actos singulares são uma excepção do character dominante; e a virtude implica necessariamente perseverança.

Requerendo a perseverança no bem, também não entendo que o homem deixa de ser virtuoso, porque mostrou uma ou outra vez na vida, que, apesar de amar a virtude e trabalhar por ella, era filho da natureza corrupta. — Nenhuma doutrina mais corrente no systema religioso catholico, que tem altares para a innocencia e para o arrependimento, e que venera nelles mais prodigos arrependidos, do que filhos que nunca sahiram de casa do Pae celeste.

Postos estes principios, fechadas assim as portas a futuros reparos; avante! — O quadro das virtudes do illustre Conde, que prometti e vou traçar, não é um quadro chronologico de sua vida apreciada desde o berço até ao tumulo. — Considero-o de tres pontos de vista, os mais salientes delle: como *Fidalgo*, como *Soldado*, como homem *retirado das scenas do mundo*. — Vereis como a virtude o acompanha em todas estas posições, e como Deus o conduziu em todas ellas por caminhos rectos. *Justum* etc.

Consideremos, em primeiro lugar, o illustre finado, como fidalgo — Se eu fosse, em lugar de orador christão, orador do seculo, e quizesse deduzir o merito do homem dos principios donde elle os deduz; — se quizesse elogiar á pagã, e fundar a grandeza nesses brasões e titulos, que tanto lisonjêam o orgulho humano; — se quizesse, como diz o famoso Lacordaire, ir de geração em geração examinar a fonte pura d'onde rebentou, e os canaes limpos por onde passou, a porção de sangue que corria pelas véas do conde; — se quizesse embrenhar-me no intrincado labyrintho das genealogias; — não me faltava com que satisfazer a ambição dos amadores destas glorias. — Diria, que no seculo XVII já havia Barbacenas, e que do tronco desta arvore frondosa rebentaram hastes vicejantes, que honraram a arvore, a mão que a plantou, e a terra que lhe subministrou abundante e rica seiba. — Diria que o illustre finado, por algumas de suas avós, descendia da rainha D. Ignez de Castro e de seu marido D. Pedro 1.º Diria que pelos Faros, condes de Faro, de Odemira e Vimieiro, ramos da augusta casa de Bragança, lhe girava nas veias o sangue de el-rei D. João I. e do Condestavel D. Nuno Alvares



Pereira. — Diria, que o Conde era ainda parente, em gráu não remoto, de um dos maiores homens do nosso seculo, o Sancto Principe de Hohenloe; e que pelos Mendonças....

Mas eu creio, que as cinzas do Conde se indignariam no tumulto, e que uma voz solemne, sahida d'aquella urna funeraria, me diria com o accento proprio de uma voz da eternidade. — »Ministro da Religião de Jesus Christo, olha por mim e por ti!.... Não inquietes os meus restos mortaes; são restos de um christão! — Não prostituas a tua lingua; é a lingua de um ministro do Deus humilde da Cruz! — Falla embora de mim, se isso é necessario á terra em que nasci, que amei, que amo, que recomendo aos cuidados paternaes do Moderador das nações. — Mas deixa essa gloria que não passa para áquem do tumulo. — Sopra ás minhas cinzas; debaixo dellas existem ainda faiscas de Fé. — Ou me louva como christão; ou... cala-te. »

Descancem em paz os restos do Conde. Não venho perturbar o repouso delles, fazendo valer na presença dos que o choram, o que nunca fez a base, mas somente o ornamento da pyramide do seu merito — Deixo as glorias do sangue e da nobreza; não são estas as que um ministro de JESUS CHRISTO deve celebrar ao pé da urna de um christão.

A aristocracia illustrada não se offenderá de me ver pôr de parte este brilho social, quando se tracta de o apreciar em relação á eternidade. — Sabe melhor do que eu, que o sangue dos nobres não é mais precioso aos olhos de Deus, do que o sangue dos pobres; e que uma longa serie de genealogias não lhe agrada, como uma longa serie de acções virtuosas.

A alta aristocracia tem um grande escolho para temer: o orgulho, a que Salustio chama o defeito commum da nobreza — *nobilitatis commune malum*. — Um berço distincto, a voz de além berço sempre a fallar de gloria, brasões soberbos enunciando á porta do palacio, a todos os que passam, a distincção do senhor delle, são materias combustiveis muito azadas para entreterem esse fogo, que arde, com maior ou menor violencia, no coração de todos os filhos de Adão. — Só ha um meio de evitar este escolho: a humildade christã. — O Conde viu o escolho, temeu-o, evitou-o seguindo as inspirações dessa bella virtude, que nasceu no berço de JESUS CHRISTO, e que a modestia do mundo debalde pretende contrafazer.

Eu peço á verdade, que me ensine a pintal-o com exactidão em relação a esta virtude. — O Conde não possuia essa affabilidade artistica, que lisonjêa enganando; nem esse riso facil, que quasi sempre revela frivolidade, ou cousa ainda peor; nem essas maneiras estudadas, que até incommodam.

Mas era accessivel a todos, bem vindo para todos, cortez para todos, sem estudo, sem calculo, sem pretensões. — Tinha a humildade no coração, que é a sua verdadeira séde. — E eis-aqui a razão porque, exercendo cargos importantes, vivendo em tempos difficeis, atravessando revoluções com tantos programmas e bandeiras; nunca recebeu o menor insulto, nem no arder mais vivo das paixões; e mereceu sempre a estima dos homens honestos de todos os partidos.

Mas eu abro o seu testamento, e que vejo? O homem de tantas glorias ordena nelle, que os pobres do Asylo de Mendicidade conduzam seu corpo á sepultura. — Leve o orgulhoso a vaidade até



á beira della, deixe escripto o programma de seu apparatuso funeral, soborée, quando o escreve, o triste prazer da pompa da morte. — O humilde Barbacena só quer duas coisas: alguns pobres para conduzirem ao tumulo os seus restos mortaes, e uma pedra-rasa para os cobrir.

Assim coroou na morte a virtude que amara na vida; assim evitou o escolho fatal á sua classe; assim conduziu Deus o fidalgo pelos caminhos rectos da humildade. *Justum*, etc.

Depois de termos considerado o que o Conde recebeu dos caprichos da fortuna, consideremos os cabedaes, que elle ajuntou aos fundos herdados.

O tempo chega, em que deve abrir uma carreira, seguil-a, ser util a si, aos seus e á patria, e fazer que não se lhe applique a sentença do pae da philosophia moral: *Non vixit; sed in vita mortuus est*. Sabia muito bem que não devia passar a vida na molleza, saboreando indolente as vintagens do seu nascimento: — sabia, que jaclar-se qualquer da nobreza de seus avós, é, como diz um litterato nosso de nome claro, procurar nas raizes o fructo que deve achar-se nos ramos: — sabia que um fidalgo, ou filho *de alguém*, tambem deve ser *alguem*: — sabia, finalmente, da sentença do nosso Faria e Sousa:

« Honras não attribuas,  
De nobre, a quem não faça  
Obras que a rosto aberto chame suas. »

N'aquelle tempo existiam ainda restos desse genio cavalleiroso portuguez, que tantas glorias nos valeu, que tanto inflammava o coração da nossa juventude, e que o movimento das cousas substituiu por outro. — Esse genio, tradições de familia, exemplos de classe, e ardor juvenil, tudo lhe dizia: A's armas! — O Conde lançou-se nesta carreira em tenra idade, assentando praça de soldado no regimento de cavalleria de Minas Geraes, onde seu pae era governador e capitão general, e depois no de Mecklemburgo em Lisboa, onde seguiu o curso de mathematica e fortificação com tanta distincção, que obteve os premios em todos os annos.

As acções brilhantes da sua carreira militar, as commissões importantes que desempenhou com applauso em Portugal e na America, a arte de organizar e disciplinar corpos, os postos elevados a que subiu pela escada do merito, as decorações honrosas que recebeu; tudo revela a legitimidade da sua vocação. — Das virtudes guerreiras nenhuma lhe faltou, sem exceptuar aquella que mais caracteriza o soldado, a *valentia*, chegando no ardor da peleja, como aconteceu em Las Rosas, a pequena distancia de Madrid, aos 11 de agosto de 1812, até onde as espadas inimigas alcançam as cabeças. — Levado então prisioneiro a Madrid, e recebendo alli obsequioso acolhimento do estado-maior do rei José Bonaparte; mereceu que lord Welington (pouco inclinado a trocas de prisioneiros) pedisse e obtivesse a sua, pelo apreço que fazia deste bravo official — Restituído ao campo, achou-se, apesar dos incommodos resultantes do seu ferimento, na batalha de Victoria, com-



mandando toda a divisão da cavalleria portugueza, assim como em outras que se seguiram até ao fim da guerra.

Eis o quadro, esboçado a correr, da sua vida de soldado até ao fim da guerra peninsular.—A outra folha deste livro.. deixoa em aberto, para a posteridade escrever nella o que a sua mão fria e imparcial costuma escrever.

O illustre Bossuet disse na oração funebre do maior soldado do seu seculo: « Que seria o príncipe de Condé, com seu coração e seu genio, ambos tão grandes, sem a *piedade*? » — Ha, com effeito, uma alliança intima entre a milicia e a Religião: « O Deus de paz (disse ha pouco o arcebispo de Paris no Campo de Marte, por occasião da benção das bandeiras, e da entrega das aguias imperiaes) o Deus de paz é tambem o Deus dos exercitos; houve sempre uma religião dos combates; os romanos collocavam os seus deuses ao lado das aguias, e á frente das legiões » — Esta alliança nasce ainda da reciprocidade dos beneficios: a Religião deve ao soldado, e o soldado deve á Religião — A historia finalmente apresenta-nos como eminentemente religiosos os maiores capitães de todos os seculos; e nesta gloria os portuguezes não cedem a palma a ninguem.

Que seria (digo eu tambem como Bossuet) o Conde, com o seu valor guerreiro, e brilhantes prendas militares, sem a *piedade*? — Porém elle uniu sempre a *piedade* de christão ao valor do soldado — « Existe um Deus (dizia Condé aos seus amigos) existe uma religião, que é o culto do verdadeiro Deus; de todas as religiões, a christã é a unica divina; de todas as seitas christãs, a catholica é aquella, onde se acha unidade e ordem, onde por consequente existe o espirito de Deus. » — Eis-aqui a Religião que o Conde seguiu desde o berço até ao tumulto, — o *catholicismo puro*; desprezando sempre os systemas dos materialistas passados, dos ideologos e reveladores modernos, e dos pantheistas novissimos, e tudo quanto podia offender estas tres grandes verdades: *Deus, Jesus Christo, e a Igreja*. — Quereis argumentos da sua religião pratica, que são sempre a melhor prova da especulativa? — Vede-o lá no meio dos mares, morto o cirurgião do navio em que navegava da America para o reino, e desenvolvendo se uma epidemia a bordo, encarregar-se do tractamento dos infelizes com tal caridade, exercer as funcções de medico e de enfermeiro com tal desvelo e successo, que de 26 atacados só teve que lamentar a perda de um. — Vede-o repartindo annualmente com escrupulosa regularidade (além de avultadas esmolas avulsas) a quinta parte dos seus rendimentos por pessoas pobres e recolhidas; como se soube pelas suas contas, e como o attestaram as lagrimas de numerosos infelizes, que o acompanharam á sepultura. — Vede-o dispondo, em seu testamento, de toda a sua fortuna a favor de um estabelecimento de educação para meninas desamparadas, que manda fundar na Villa de Barbacena; e para legados de pessoas necessitadas e desvalidas, separando apenas uma diminuta somma, que lega aos seus testamenteiros.

Assim coroou na morte a virtude que amara na vida; assim uniu a fé do christão ao valor do guerreiro; assim se collocou por ella a par dos Condés, e dos grandes capitães de todos os seculos; assim conduziu Deus o soldado pelos caminhos rectos da *piedade*. — *Iustum etc.*



mas que vejo?... Deus que conduzira o fidalgo pelos caminhos rectos da humildade, e o soldado pelos caminhos rectos da piedade; vai abrir um novo campo á sua virtude: quer que o vejamos tão grande na adversidade, como o viramos na fortuna. — Ao mando de Deus, a adversidade que mora ao pé da fortuna, sahiu um dia de sua casa, deu tres passos, bateu rijo á porta do Conde, entrou, e disse-lhe: « Sabes o que são decretos de Deus! Por decreto d'elle venho aqui para te acompanhar até á morte! » — Neste dia, a fortuna voltou-lhe as costas, e deixou-o a braços com a adversidade. — E' lei do mundo! Não ha planta viçosa, que esta geada não creste; flor delicada, que este sol não murche; arvore robusta, que este furacão não derrube; rochedo duro, que este raio não lasque.

Quando a adversidade entrou em casa do Conde, e a fortuna sahiu, a virtude não se retirou. — Companheira fiel nos dias de gloria, não o desamparou nos dias do infortunio. — Depois de fazer que não se deslumbrasse com os risos da prosperidade, fez que não succumbisse com os revezes da desgraça. — Ajudou-o a ser feliz com sabedoria, ajudou-o a ser desgraçado com valor.

Este campo, confesso-o, para o illustre finado está matizado de flores, mas para o orador está cuberto de espinhos. — Apresenta flores de alto preço, mas difficeis de colher, e de um aroma que só pode ser justamente apreciado por um sentido delicado. — E deverei eu deixal-as morrer na obscuridade, onde foram tam diligentemente cultivadas? Não: irei com cautela por causa dos espinhos, mas hei-de colhe-las, e até espero fazel-as amar. — Só peço duas cousas: bom uso do espirito, e do coração.

Cada um de vós sabe o que são convicções (não tractemos agora de apreciar o valor dellas) as boas louvam-se, as ruins lamentam-se; insulto não se faz a nenhuma. — Mas se antes quereis, desçamos da esphera intellectual para a moral, da região do espirito para a do coração. — Cada um de vós sabe, o que é o amor de uma idéa, de um principio, de um systema, de uma causa; e sabendo isto, sabe igualmente o que será amar uma, jogar as armas, expor a vida por ella, e perdê-la! — Junctai ainda as sympathias do amor, a firmeza de um character nobre, de um character portuguez. — Agora, como fallo a pessoas de espirito subido, e coração delicado, peço a todos que decidam (fazendo bom uso de um e outro) que deverá fazer um homem que perde uma causa que ama? — Julgo, que decidireis comigo, que só lhe restam tres recursos: ou morrer, ou abandonar a causa, ou retirar-se das scenas do mundo. — Morrer succumbindo, não pertence ás almas energicas: morrer attentando contra a vida, não pertence ás christãs. — Abandonar a causa pede um triplice sacrificio que o mundo todo condemna: o das convicções, o das sympathias, o da firmeza de character. — Que restava ao Conde, não podendo morrer, nem abandonar a causa? Retirar-se das scenas do mundo. E' o que fez, resistindo ainda nos ultimos annos da sua vida, ao convite que lhe fizeram para acceitar o cargo de ministro e de conselheiro de estado.



Retirado, pois, das scenas do mundo, e reduzido a uma vida de obscuridade, aquelle que luzira n'um theatro explendido, que assistira aos conselhos dos reis, e que exerzera os mais honrosos cargos da republica, devia, porque era homem, sentir as luctas que occasionam semelhantes sinistros; mas era nestas luctas, neste fogo lento, neste crisol, que a Providencia tinha resolvido acabar de purificar a sua virtude. — A adversidade, que abate os espiritos fracos e eleva os fortes, não abateu o seu, elevou-o. — O Conde adorava os decretos de Deus, vivia resignado, purificava-se, ia sacudindo o pó da sua passagem pelo mundo, occupava-se do infinito e do eterno, dava ao Céu um espectáculo digno d'elle. — Tal foi o caminho recto por onde ultimamente o conduziu o Senhor, o caminho recto da resignação. — *Justum* etc.

Dizei-me agora. — Não são preciosas as flores que eu acabo de colher no jardim dos ultimos dias de vida do Conde, essas virtudes que elle cultivou retirado das scenas do mundo? — Perdem o valor por serem cultivadas na obscuridade, por serem raras, por serem de poucos? — Haverá alguém que não as ame? — Só hade ser estimavel o que é nosso? Só valente o soldado do nosso campo? Só virtuoso o varão do nosso gremio? So digno das honras da vida e do tumulo o homem das nossas opiniões? — O bom senso não o entende assim; louva a virtude, onde quer que ella existe. — Todos os que pretendem fazer o panegyrico da firmeza e a satyra da covardia, invocam o nome de Catão; e Catão não é de todos pelos principios que professava; mas deve ser de todos o character nobre e firme, esse character, que tornará immortal a memoria do illustre Barbacena, a quem Deus conduziu sempre por caminhos rectos: como fidalgo, pelos caminhos rectos da humildade: como soldado, pelos caminhos rectos da piedade: como homem retirado das scenas do mundo, pelos caminhos rectos da conformidade. — *Justum* etc.





Visto que seguiu caminhos rectos em todas as posições de sua vida, e praticou o bem em todos elles, direi o mesmo que diz o Apostolo: « A paz, a honra, a gloria sejam com elle: a paz com sua sepultura; a honra com a sua memoria; a gloria com o seu nome. *Pax, honor, gloria omni operanti bonum.*

Que resta? — Reunirmo-nos todos em espirito de caridade, e fazermos deprecações ao Céu pelo descanso da alma (torno a repetir esse nome de tão saudosas recordações, para que o honreis com um novo testemunho da vossa sensibilidade, e se torne mais fervoroso o vosso orar) pelo descanso da alma do ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 7.<sup>o</sup> vizconde, e 2.<sup>o</sup> conde de Barbacena. — As suas virtudes, as misérias da miseravel vida purificadas pelo longo martyrio de 20 annos, tudo nos afiança que elle depois das luctas do campo da vida, canta no Céu hymnos de victoria. — Mas a nossa confiança pode ultrapassar os limites da misericordia de Deus a seu respeito: os mysterios da eternidade cobre-os um véu, que a vista do homem não rasga.

Orar, orar pelo seu descanso! — Um derradeiro adeus de amigos, de portuguezes, de christãos! — Algumas lagrimas em frente da urna funeraria! — Algumas flores de saudade desfolhadas sobre ella! — E venha o Ungido do Senhor cercal-a de bençãos, espargil-a com a agua lustral, perfumal-a com o incenso, e desejar ao finado, em seu nome, em nome da Religião que honrou com as suas virtudes, em nome do gremio catholico em que viveu e morreu, em nome desta assembléa onde tem amigos, a paz do tumulo, o descanso eterno. — *Requiescat in pace.*

